

O ESTAFETA

ÓRGÃO DA FUNDAÇÃO CHRISTIANO ROSA

DISTRIBUIÇÃO GRATUITA

PIQUETE, JANEIRO/2006 - ANO IX - Nº 108

Fotos arquivo Pro-Memória

EDITORIAL

Mais um ano se inicia e, com ele, uma longa jornada de trabalhos em busca da realização de nossos sonhos. Todos temos nossos próprios sonhos, mas há um que é comum a todos os cidadãos: o de que a cidade em que vivemos seja desenvolvida e proporcione, de maneira sustentável, qualidade de vida.

Sonhar com uma cidade da qual possamos nos orgulhar pode parecer devaneio. Mas não é. Ao contrário, sonhar coletivamente é o primeiro passo para que ocorra um projeto desenvolvimentista. Depois, é preciso o engajamento e muito trabalho para que o sonho de milhares se torne realidade. É uma oportunidade para exercitarmos a cidadania. Ser cidadão é ter direito à vida, à liberdade, à prosperidade, à igualdade perante a lei: é, em resumo, ter direitos civis. É, também, participar do destino da sociedade, votar e ser votado, ter direitos políticos. No entanto, os direitos civis e políticos não asseguram a democracia. É preciso que se conquistem os direitos sociais que garantem ao cidadão educação, trabalho, salário justo, saúde e uma velhice tranqüila.

Exercer a cidadania é trabalhar para que todos tenham seus direitos garantidos. Para tanto, é necessária a participação dos moradores no cotidiano da cidade. Espaço para isso existe. A partir de 1988, com a promulgação da “Constituição Cidadã”, caminhos são apontados. Ela descentralizou o poder, até então nas mãos dos governos, e repassou aos municípios a competência para traçar e assumir um novo modelo administrativo, abrindo espaço para a sociedade organizada participar, por meio dos diversos conselhos previstos, das políticas públicas voltadas para seus reais interesses. Os conselhos municipais, quando constituídos por representantes conscientes da importância de seu papel, são instrumentos legítimos de apoio à administração municipal. De maneira paritária e com poder deliberativo, colaboram na elaboração de políticas públicas, fiscalizam e servem de intermediário entre a população e o administrador.

Que 2006 seja um ano de muito trabalho e prosperidade social para todos os piquetenses!



Com as chuvas de verão, aumentam as possibilidades de enchentes e desmoronamentos em Piquete, onde a geografia concorre para que esses riscos sejam maiores do que em outras regiões.

Farisaísmo em nome de Deus

Com as chuvas de verão, aumentam as possibilidades de enchentes e desmoronamentos em áreas consideradas de risco, em Piquete.

Todos os anos, de novembro a março, as chuvas que se formam sobre a cidade colocam muitas famílias em estado de alerta. Basta o céu escurecer e começar a trovoar pelos lados da serra, que muitas pessoas ficam sobressaltadas. A geografia de Piquete concorre para que os riscos de desabamento sejam maiores aqui do que em outras regiões.

Este ano não está sendo diferente. Nos primeiros dias de janeiro choveu acima da média esperada no município e Piquete foi notícia nos meios de comunicação devido aos estragos causados pelas águas. A TV mostrou deslizamentos de terra que colocaram em risco algumas famílias. Chamou-nos a atenção o depoimento de alguns moradores que, resignados com a própria sorte, uma vez que moram em áreas de risco, agradecem a Deus por Ele ter evitado que uma tragédia acontecesse. Outros acreditam que “se Deus quiser, não há de acontecer nada...” Responsabilizar Deus pela sorte ou azar que, por ventura, lhes possa acontecer, mostra a pouca participação do povo na condução de seu destino. A comunidade deveria se reunir e exigir consistentes políticas ambientais e urbanísticas. Evitar-se-iam, assim, maiores danos. É comum em nosso município a invocação do nome de Deus em diversas situações. Isso poderia parecer manifestação pública de devoção ou fé. Mas, na

realidade, não o é. É sim farisaísmo, uma manifestação de incompetência e incapacidade para solucionar os problemas. Diz a Bíblia ser pecado invocar o Santo Nome de Deus em vão. Mas pecado maior é o da omissão, do descaso com os necessitados e o da má vontade em enfrentar adversidades. Deus nos pede, também, que cuidemos dos desamparados.

Os moradores das áreas de risco, bem como todo o município, aguardam, há décadas, políticas públicas voltadas para a questão ambiental e um plano diretor que aponte caminhos, metas e ações, para que não fiquemos reféns de socorros emergenciais, que não resolvem, definitivamente, a situação. Após as chuvas de 2000, quando grandes estragos aconteceram na cidade e região serrana, técnicos do Instituto de Pesquisas Tecnológicas (IPT) elaboraram estudo que apontou áreas de risco iminente em Piquete. Nada foi feito até hoje para se prevenir tragédias. Um dia – esperemos que não aconteça! – Deus pode estar distraído...

Os problemas causados pelas chuvas de verão são, em grande parte, gerados pela interferência do homem no meio ambiente. Constrói-se em encostas de morros, várzeas, margens de rios, sobre os rios; não existem mais matas ciliares.

Esperamos assistir pela TV, o mais brevemente possível, a uma matéria em que Piquete se destacará como exemplo de trabalho de recuperação de áreas degradadas e não por ser palco de acidentes resultantes de ocupação indevida de áreas de risco e de degradação ambiental.

Imagem - Memória

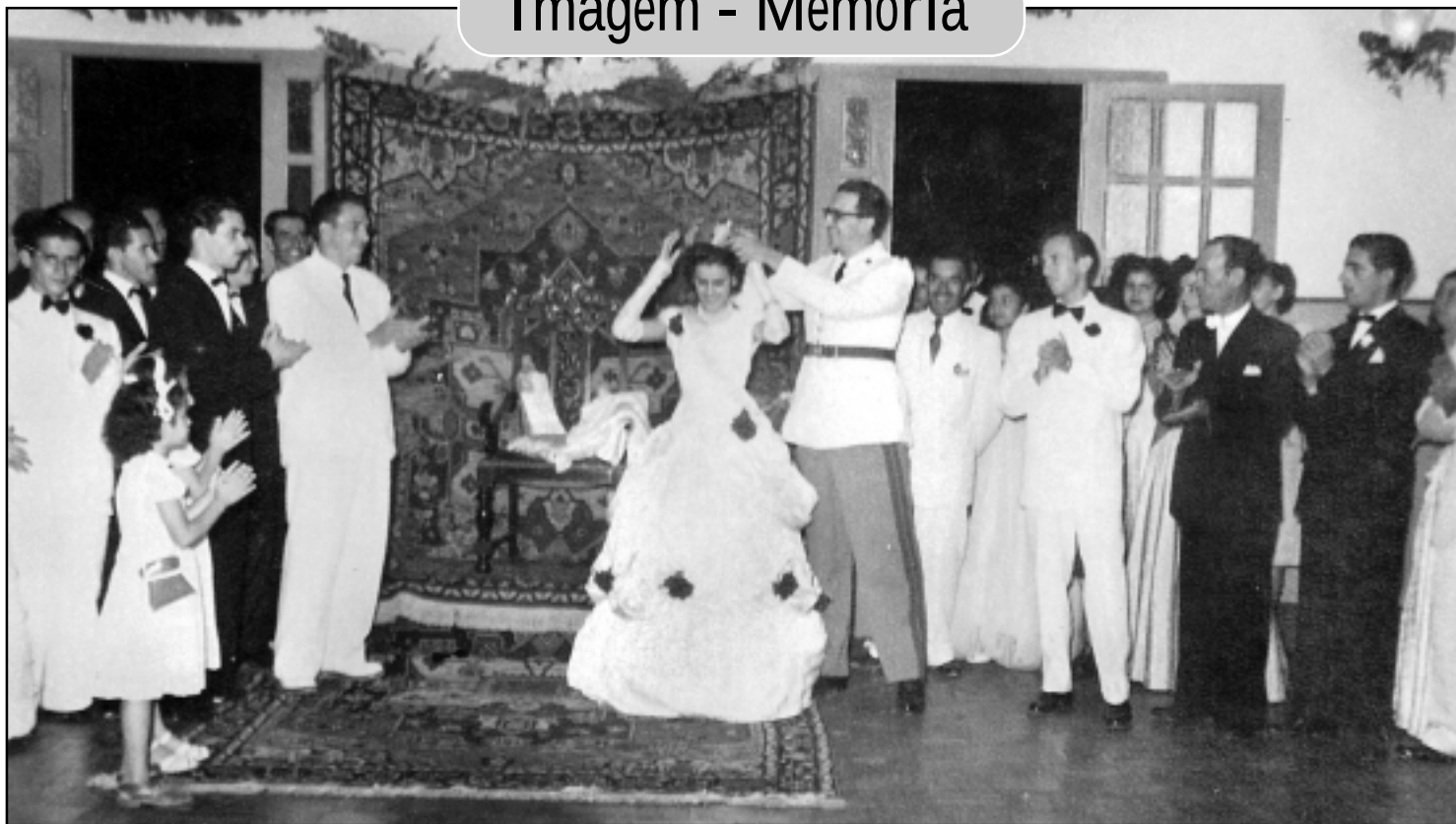


Foto arquivo Pro-Memória

Momento em que, sob aplausos, o Cel. José Pompeu Monte faz a coroação da “Mais Bela Piquetense”, Lina de Castro, em 28 de dezembro de 1948

A mais bela piquetense

Em 1948, o jornal “Folha de Piquete”, dirigido pelo professor Carlos Ramos, lançou um concurso que mobilizou toda a sociedade piquetense. Sob o patrocínio da conceituadíssima casa “A Confiança”, de Nelson Marinho da Costa, a população poderia escolher “a mais bela piquetense”. Os votos deveriam ser adquiridos ao preço de Cr\$ 20, na redação do jornal ou na “A Confiança”, à rua José Salomão, 39.

Assim que o concurso se tornou público, a população se mobilizou. Na cidade, não se falava de outra coisa. O serviço de auto-falante instalado na Praça da Bandeira conclamava o povo a votar. O concurso era assunto na Escola Industrial, no Ginásio e Escola Normal, nos clubes, no Contingente, entre a torcida do “Estrela” e todo o operariado da FPV. Nomes eram citados e outros lembrados. Formaram-se torcidas. Quem seria sufragada como a mais bela piquetense?

Da lista da primeira apuração, publicada pela Folha de Piquete do dia 15 de setembro, constavam mais de vinte nomes: Maria José Meireles, Clélia de Castro Ferreira, Wonir Gomes, Maria Aparecida Alves, Suely Spolidoro e Rosina Dantas estavam entre as cinco mais votadas. A partir de então, houve um aumento do interesse pelo resultado final. Apostas eram feitas. A coroação da vencedora aconteceria durante um baile de gala a ser realizado na sede social da Associação Comercial de Piquete. Esse concurso despertou grande interesse em toda a cidade, de maneira que, após outras apurações publicadas, a “Folha de Piquete”

do dia 10 de dezembro estampou o seguinte resultado: Primeiro Lugar: Manoelina da Silva Castro, com 7.210 votos; Segundo Lugar: Clélia de Castro Ferreira, com 6.940 votos; Terceiro Lugar: Geny Fernandes, com 6.920 votos; Quarto Lugar: Tereza Vaz dos Reis, com 6.170 votos; e Quinto Lugar: Hortência de Carvalho, com 5.350 votos. O jornal trazia, ainda, mais trinta outros nomes em ordem decrescente de votação. O encerramento da eleição aconteceu à meia-noite daquele dia e a última apuração foi publicada no dia 15, sufragando Manoelina da Silva Castro como a “Mais bela jovem piquetense” que iria reinar no ano de 1949.

A partir do resultado, o assunto da cidade passou a ser o suntuoso baile de gala marcado para acontecer às 22h do dia 28 de dezembro. Esse baile foi organizado para marcar época. E marcou! Muitos ainda o trazem presente na memória. A sede social da Associação Comercial de Piquete, construída pelo comerciante Nadras Raffoul, havia sido inaugurada dias antes pelo governador do estado de São Paulo, Adhemar de Barros. Tornou-se a “coqueluche” da época.

Nos dias que antecederam o baile, as moças se ocuparam com diversas visitas às modistas, para as provas dos trajes da noite. Os ternos foram mandados para engomar. Finalmente, chegou o tão esperado dia. O salão do clube foi ricamente ornamentado. As moças da cidade passaram horas se produzindo. A partir das 21h, começaram a chegar os primeiros convidados que, em pouco tempo, lotaram as dependências da

Associação Comercial. Os rapazes, impecavelmente trajados, com cravos na lapela, cortejavam as moças, de “soirée”, que desfilavam pelo salão provocando suspiros pela graça e beleza. Pouco antes das 22h, chegaram as autoridades, entre elas toda a diretoria da Associação Comercial.

A noite foi musicalizada pelo Primeiro Jazz da FPV, com músicos como Portela, Viana, Luiz de Barros, Antônio Mota, Elói Bastos, entre outros. Num traje deslumbrante confeccionado por Najila Hankis, adentrou o salão a “Mais bela piquetense”, Lina de Castro, impressionando a todos pelo porte e beleza, fazendo jus aos votos recebidos. Após breves discursos do professor Carlos Ramos, diretor da Folha de Piquete e do Cel. José Pompeu Monte, foi coroada a mais bela piquetense de 1948/49, sob aplausos de todos.

O ESTAFETA

Fundado em fevereiro / 1997

Diretor Geral:

Antônio Carlos Monteiro Chaves

Jornalista Responsável:

Rosi Masiero - Mtd-20.925-86

Revisor:

Francisco Máximo Ferreira Netto

Redação:

Rua Coronel Pederneiras, 204

Tels.: (12) 3156-1192 / 3156-1207

Correspondência:

Caixa Postal nº 10 - Piquete SP

Editoração: Marcos R. Rodrigues Ramos
Laurentino Gonçalves Dias Jr.

Tiragem: 1000 exemplares

A Redação não se responsabiliza pelos artigos assinados.

GENTE DA CIDADE

Patinho

Antigo funcionário da Prefeitura de Piquete, é uma pessoa carismática, conhecida por toda a cidade. No entanto, poucos sabem seu nome de registro. Conhecido desde menino por Patinho, João Batista Cavaleiro nasceu em Piquete, à Rua São Benedito, em 25 de outubro de 1934. Ainda garoto, mudou-se com a família para o bairro da Vargem Grande. Coursou alguns anos do Grupo Escolar da Fábrica e, com sete anos, já ajudava o pai nos serviços da roça. Plantavam arroz, feijão, milho e mandioca. Aos quinze anos, passou a trabalhar na Prefeitura, contratado como temporário. Naquela época, a Prefeitura não tinha nenhum caminhão e ele passou a recolher o lixo das residências com sua carroça. Como a cidade era muito pequena, saía bem cedo recolhendo o lixo da rua São Benedito até a Praça da Bandeira, de maneira que, por volta das 11h, havia recolhido meia carroça. Tratava, então, o animal com milho e o soltava no pasto. No período da tarde, carpia as ruas.

Patinho conta que eram poucas as casas na cidade. As ruas não eram calçadas e o mato crescia com facilidade. Trabalhou “avulso” até engajar-se no quartel, aos 18 anos. Após o período de caserna, retornou à Prefeitura em 1952, tendo sido efetivado como funcionário público.

A administração municipal era pequena. Os poucos funcionários reuniam-se todas as manhãs, ao lado da antiga prefeitura, no Largo da Cadeia, numa antiga garagem, onde as tarefas do dia eram distribuídas. Dos antigos funcionários recorda-se do apontador e fiscal de obras, Darcy Coelho, do encarregado geral Caetano dos Santos e das secretárias Lourdes Piquet, Elza Arantes e Clélia de Castro.

Patinho trabalhou muito tempo com sua carroça. Trabalhou, também, trocando lâmpadas nos postes – “este serviço era feito junto com o seu Leonídio Mineiro, a partir das 18h, quando podíamos identificar as lâmpadas queimadas... A cidade sempre foi pobre e com poucos recursos, de maneira que as obras eram morosas.” No entanto,



gosta de citar uma grande obra na qual trabalhou muito: a construção do sistema de água do município, no governo de Geraldinho Alves: a represa da Tabuleta, a caixa d'água do centro da cidade e a adutora que as interliga. “A cidade virou um canteiro de obras... participei de todas as etapas: das escavações até a concretagem final.”

No final dos anos 50, a prefeitura adquiriu dois caminhões Ford 51, que serviam pra tudo. O primeiro chofer foi o Zico, seguido do Deosdete. Em 1960, Patinho tirou sua carteira de habilitação, tornando-se o terceiro chofer da Prefeitura. Nessa função, transportou boa parte das pedras utilizadas no calçamento de Piquete, vindas da Capela do Jacu, em Lavrinhas: “eram três ou quatro viagens por dia”.

Patinho viu a cidade crescer! E contribuiu muito para isso. No início de seu trabalho na Prefeitura não existiam as vilas Célia, Celeste e Cristiana... o Bambuzinho era apenas a estrada para Itajubá... Aposentando-se em 1985, continuou a trabalhar até 1999. Acompanhou as administrações de Geraldinho Alves, Luiz Vieira Soares, Joraci Faury, Christiano Rosa, José Armando de Castro Ferreira, Otacílio Rodrigues, Alaor Ferreira e Cariri...

Religioso, é evangélico da Congregação Assembléia de Deus, da qual é membro atuante. Patinho casou-se aos 19 anos com Zenilda Nunes e tiveram cinco filhos. Viúvo, casou-se com Odete Moura, com quem teve dois filhos. Funcionário público exemplar, Piquete deve muito ao seu trabalho.



SOS Córrego do Araçá

A ingerência do cidadão

“Todos têm direito ao meio ambiente ecologicamente equilibrado, bem de uso comum ao povo e essencialmente à sadia qualidade de vida, impondo-se ao Poder Público e à coletividade o dever de defendê-lo e preservá-lo para as presentes e futuras gerações.” (Artigo 225 da Constituição Brasileira – 1988)

A grande conquista dos brasileiros na Constituição de 1988 é a participação popular. Em “Todos têm direito ao meio ambiente ecologicamente equilibrado (...)”, o cidadão brasileiro tem acesso à generosa natureza brasileira. Mas o cidadão também recebe, além de direitos, deveres: “(...) impondo-se ao poder público e à coletividade o dever de defendê-lo...”

Aos poucos, a comunidade se conscientiza de que ela é capaz de transformar a realidade. Assim, os moradores das Vilas Célia, Araçá e Alto da Boa Vista vêm se reunindo, nos últimos meses, a fim de unir esforços para salvar o Córrego do Araçá. Esse córrego, cujas águas encontram-se poluídas, transformadas em esgoto a céu aberto, exalando forte mau-cheiro, é fonte potencial de doenças de veiculação hídrica. Por todo seu trajeto é fácil observar o grau de degradação desse ribeirão que, até há alguns anos, apresentava volume considerável de água. Esse grupo tem visitado casa por casa, ao longo desse rio, buscando conscientizar os moradores sobre a importância de preservá-lo. Estão sendo tomados depoimentos de moradores que testemunham as antigas condições do córrego. Foram promovidas uma palestra no Rotary Club, quando foi abordado o assunto meio ambiente e preservação do Araçá, e uma visita documentada a todo seu trajeto – da nascente ao encontro com o ribeirão Benfica, quando puderam ser identificadas diversas irregularidades ambientais e de obras civis. Também estão sendo enviados ofícios aos Prefeito Municipal, à Promotoria Pública – responsável constitucionalmente pelo Meio Ambiente – e à Vigilância Sanitária.

Acreditamos que, com a elaboração de um projeto e o empenho de todos, a população ribeirinha sairá vitoriosa. “SOS Córrego do Araçá” é uma iniciativa nota 10!

Feliz Ano Novo!

Dóli de Castro Ferreira

Passou o Natal e chegou o novo ano no calendário 2006 que, como todo o novo, representa surpresa, gera expectativas e induz promessas e votos.

As linhas eletrônicas que ligam pessoas e agências distribuidoras de notícias ativam-se, cada vez mais, ávidas em confrontar ocorrências e pontos de vista. Quem não se liga vive no mundo à parte. Fios emaranhados procuram os caminhos dos labirintos, ou seja, as saídas. As crises do “decifra-me ou devoro-te” manifestadas como destino humano pontuam-se de ilusões disfarçadas em esclarecimentos. Tudo mostram, mas nada revelam. O amontoado das informações como imagens e vozes não deixa tempo para a meditação.

Já se diz que “o mundo é plano”, tal a intensidade das comunicações explodindo fronteiras em dimensão espetacular. A vida mostrada como vitrines onde tudo se revela, mas nada se sabe, é uma forma de jogar o mundo num vórtice para ser triturado e mal digerido. Os labirintos de uma cultura impressa, que levaria mais tempo para ser apropriada, detonam-se nas culturas dos vídeos, pois a emergência da notícia exige sempre dados novos. Mas empobrece seu questionamento. Não há tempo. É por isso que não se discute nem o conteúdo, nem as razões, nem os contextos.

Para os que, pensando na possibilidade da iminência de um desastre se assustam, preconiza-se um tratamento controlador, isto é, uma ecotecnociência voltada para o ambientalismo, ou seja, para o reequilíbrio natural do planeta. Daí a busca pela qualidade de vida, principalmente nas áreas urbanizadas, por concentrarem a maioria da população, e, portanto, para a necessidade de inserção social. Como se fosse uma procura da utópica igualdade prometida pelos iluministas, que deram à modernidade a significação idealística dos direitos humanos. Igualdade e fraternidade não atingidas na busca da liberdade.

Pois liberdade são o mercado e a comunicação. Mobilizada a chamada liberalidade pelo mercado que a sustenta, a publicidade que a anima e a agilidade dos motos nos veículos promovidos em nome dela. Do celular aos PCs e aos motorizados. Sou livre porque disponho de veículos comunicativos: eletrônicos e motorizados. Deles faço apanágio e fontes de poder. Posso detonar os labirintos, posso decifrar os enigmas figurados e criar novos produtos e subprodutos que são expostos como de massa, cujo eixo tem duas pontas principais: a propaganda e o consumo. Como consumidor, sou ente inserido ao mercado.

Saímos do ano de 2005 em grande crise. Crise maior, por ser de valores.

Transformado em efemeridade, o Natal passou.

Como foi nosso Natal?

Nas marcas da paisagem piquetense, as luzes da moda. Definindo os contornos das imagens transfiguradas em monumentos – no Pórtico da FPV e no Elefante Branco e mais na Casa 1 da Vila Militar da Estrela do Norte e na respectiva Estação ferroviária, as pequeninas lâmpadas coloridas imitavam o que, no mundo do espetáculo, significa ser mercadoria para ser consumida. As pessoas pensam: Ah! Isso representa a alegria do Natal! E ficam felizes. Frente ao espetáculo, a seqüência se demonstra. Da sucata futura ficarão os entulhos projetados no futuro. Que destinos dar-lhes? Nas fotos, o tempo congelado para dizer: esse foi um ano pródigo – o Natal foi comemorado em praça pública!

Crise? Que crise? Isso é “assim mesmo.” As grandes questões ficam insolúveis. Passa o tempo: novas imagens se sucederão. Nada fixo. Uma “cidade nômade” se sobreporá à de base. A tensão social aparentemente contida ficará subjacente ao lado da degradação generalizada. A nação esquecida reimagina-se no futuro.

Novo ano. Eleições e Copa do Mundo.

A publicidade amortecerá o dragão gerado nas entranhas da cidade subjacente. Outro brotará para sinalizar os novos labirintos.

As possíveis comemorações amortecerão seus guinchos. Quem tentaria redes-cobrir os fios do possível emaranhado de esperanças amortecidas?

“O essencial é invisível aos olhos”

(Antoine de Saint-Exupéry)

Rodrigo Nunes

Sinto que falta aos piquetenses adultos um terceiro olho. Falo de um olhar que ainda não foi adulterado e corrompido pelas insanidades sociais. Felizmente, existem as crianças, que ainda possuem a capacidade de ver e enxergar o que as pessoas grandes, às cegas, atropelam e não se dão conta.

Passeando pela Praça Duque de Caxias, em uma das festivas noites natalinas, ouvi a voz de um pequenino indignado. Como testemunha ocular do episódio, vejo a necessidade de transcrever as palavras de revolta do garoto, que aparentava ter dez anos.

– Nossa, pai! O parquinho foi montado em cima das plantinhas perto do rio. Ajudei a plantar junto com meus amigos da escola e agora estou vendo elas morrerem com os

brinquedos por cima. Isso não podia ter acontecido!

Tanto adulto passando por ali, dia e noite. Tanta gente grande andando pra lá e pra cá, sem a sensibilidade de perceber a agonia das plantinhas que morriam antes de cumprir a sua missão: formar a mata ciliar de que o nosso ribeirão precisa para sobreviver.

Mas é claro que somente um terceiro olho notaria esse desastroso impacto.

Cumprindo a missão para a qual me qualifiquei, em um outro momento e circunstância, guiava um grupo de 25 turistas da cidade de São José dos Campos, na Vila Militar Estrela do Norte. Quando nos aproximamos da torre de entrada do Clube de Lazer, patrimônio histórico, o mascote entre os turistas, de nove anos, exclamou:

– Que legal, parece com o castelo do He-man!

Quando meus dois olhos correram pela fachada da citada edificação, me surpreendi com o prédio pintado a grafite. Parecendo mesmo com o castelo de Grascow. Nesse momento eu não disse absolutamente nada aos visitantes e me senti como um deles: em terra desconhecida, sem saber o significado daquele monumento. Eu podia inventar qualquer coisa na hora para dizer aos turistas, pensando em salvar de alguma forma a nossa cultura, mas de nada adiantaria, pois o terceiro olho imediatamente identificou a Torre como o castelo de um super-herói.

Que bom que podemos contar com a ingenuidade das crianças, pois são elas que permitem o olhar puro e lógico das coisas. Enquanto acharmos que basta ver o superficial, continuará sendo privilégio das crianças enxergar o essencial.

“Não foi o homem que teceu a teia da vida: ele é meramente um fio da mesma. Tudo o que ele fizer à trama, a si próprio fará.”

Chefe Seattle - 1855

Eu vi um aborto

Dom Eduardo Bennes de Sales Rodrigues
Arcebispo de Sorocaba

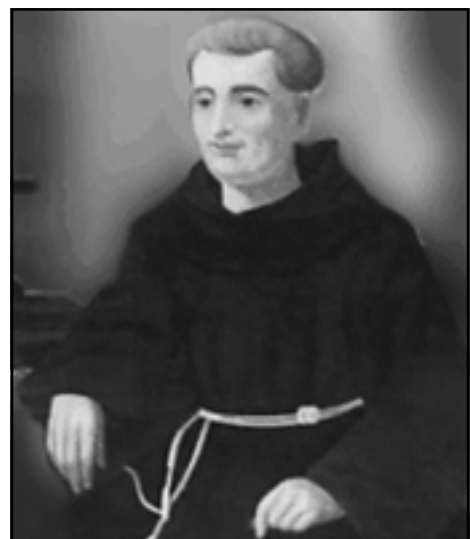
A criança tinha 12 semanas de idade. Já se podia, através de ultra-sonografia, ver seu corpo com todos os membros em desenvolvimento, cabeça, braços e pernas. Ela repousava na segurança das águas que a envolviam, o líquido amniótico. Já era capaz de pequenos movimentos. O corpo da mãe a desejava, e era seu abrigo seguro, e preparou tudo que era necessário para que ela pudesse se desenvolver. Era um corpo em festa. Não sei por que razões – HIV, anencefalia, estupro, síndrome de Down ou que razões outras se poderia alegar – aquela mãe, aflita e violentando-se a si mesma, foi parar em uma clínica especializada no ofício de interromper vidas. Depois de uma rápida conversa combinou-se o dia, devendo o pagamento ser feito antecipadamente.

No dia marcado, não obstante a repugnância que lhe vinha das profundezas do sacrário de seu corpo, a jovem mulher lá estava. Podia-se ler em seus olhos a angústia que lhe cobria alma.

Foi-lhe aplicada uma dose de calmante e, logo depois, a anestesia. Seguiu-se a operação. Primeiro, a dilatação do colo do útero. Ela se colocara na posição de dar à luz. Depois, era necessário perfurar a bolsa amniótica. Quando o instrumento – amniótomo – tocava a bolsa, a criança se movia, em manifestações de aflição, como a se defender da agressão que lhe queria roubar o ambiente que lhe possibilitava viver. Ela não tinha como expressar seu desespero, o desespero da vida humana que ainda não sabia se dizer. Confesso que foi com relutância que continuei a presenciar a cena: uma mulher em posição de dar à luz e, colado a seu corpo, em posição de quem faz um parto, um médico, ou coisa parecida, a agir como quem vai extirpar um tumor maligno. E dentro um bebê sem ter onde se esconder. Ah! se ele pudesse fugir para dentro do coração da própria mãe! Ali, com certeza, não tocariam nele. Perfurada a bolsa, a presa estava à disposição. Foi então introduzido no útero da mãe o aspirador que, ligado a uma pequena bomba pneumática, tinha a tarefa de sugar, aos pedaços, o pequeno ser. Ele morreu dando um forte grito. Aqueles que crucificaram Jesus escutaram esse grito quando Jesus morreu (Lc 23,46). Do lado de fora foram caindo os pedaços sugados. Sobrou a cabeça. Entrou

em cena um novo instrumento, capaz de abarcar a cabeça como uma tenaz prende uma brasa. E assim veio para fora a parte mais nobre daquela pobre humanidade. Por fim fez-se a limpeza – havia fragmentos caídos pelo chão com manchas de sangue – do abrigo onde cresceu por 12 semanas aquela frágil vida.

A mãe voltou para casa carregando o peso enorme do vazio que lhe invadiu a alma. Ela não viu os pedaços do filho que lhe arrancaram de dentro. Sua alma, entretanto, sangraria ainda por muitos anos até que lhe aparecesse o médico capaz de lhe devolver a paz perdida. Todos os argumentos usados, e sempre de novo evocados na tentativa de justificar o abortamento e tranquilizar a própria consciência se evaporavam diante do testemunho de seu corpo, que se organizara todo ele para garantir aquela vida, e que foi violentamente impedido de cumprir a mais nobre de suas tarefas. Ficou-lhe na alma uma amargura sem fim, que seus olhos não conseguiam esconder quando em pensamentos e palavras ela repetia para si mesma, às vezes para terceiros, as muitas razões que a levaram a tal decisão. Ela era católica. Mas sua dor não lhe vinha principalmente desse fato, vinha-lhe do fato de ser mulher, toda feita para proteger a vida. Só depois de acolher a verdade que seu próprio ser lhe recordava sempre de novo e de ouvir dos lábios do Redentor: “teus pecados te são perdoados”, é que ela recuperou a paz, filiando-se ao grupo das “católicas pelo dever de oferecer a vida”, que tem como padroeira a médica italiana recentemente canonizada pelo papa João Paulo II, Santa Gianna Beretta. Ela, diagnosticado o câncer de útero no início da gravidez, optou por levar a gestação até o fim, tendo morrido logo depois do nascimento da filha, hoje também médica, cujo testemunho salva muitas vidas pelo mundo afora. O Dr. Bernard Nathanson, cognominado o “Rei do Aborto”, diretor de uma clínica especializada em abortamento nos EUA, depois de assistir o DVD de um aborto que ele mesmo fizera, – ele fizera tantos outros –, horrorizado, converteu-se no apóstolo do “direito de nascer” e é ele mesmo quem, em magistral aula, descreve, no DVD que assisti, o violento procedimento do abortamento. O aborto é um crime – para quem crê em Deus, um pecado – praticado por muitas mãos, também pelas mãos daqueles que fazem leis que o tornam “legal”.



A canonização de Frei Galvão

O reconhecimento por médicos italianos de um segundo milagre atribuído a Frei Galvão foi recebido com entusiasmo por todo o Vale do Paraíba, principalmente Guaratinguetá, terra natal do religioso, nascido em 1739 e fundador do Mosteiro da Luz, em São Paulo, onde está sepultado.

O fato abre caminho para transformar Frei Galvão no primeiro santo nascido no Brasil. Muitos esperam que o anúncio da canonização do Frei Galvão seja feito às vésperas da visita do Papa Bento XVI ao Brasil, em 2007, quando deverá celebrar missa em Aparecida.

Frei Galvão foi beatificado no dia 25 de outubro de 1998, após a aceitação de um milagre pelo Vaticano. O beato faleceu em São Paulo, no dia 23 de dezembro de 1822, com 82 anos de idade. O religioso morou em Guaratinguetá até os 17 anos, quando partiu para seminários na Bahia e no Rio de Janeiro.

Em 2000, o Papa João Paulo II declarou Frei Galvão patrono da construção civil no Brasil. Desde então, o frei é reconhecido como padroeiro dos arquitetos. É grande o número de relatos de curas atribuídas ao beato Frei Galvão. Para a Igreja Católica do Brasil, sua canonização é significativa.

Antônio de Santana Galvão

Frei Antônio de Sant'Anna Galvão nasceu em 1739, em Guaratinguetá, cidade que, na época, pertencia à Diocese do Rio de Janeiro. O pai, Antônio Galvão de França, Capitão-mor, pertencia às Ordens Terceiras de São Francisco e do Carmo, dedicava-se ao comércio e era conhecido por sua generosidade. A mãe, Izabel Leite de Barros teve onze filhos e morreu com 38 anos de idade, com fama de ser grande caridosa.

Antônio teve infância rica, pois seus pais gozavam de prestígio social e influência política. O pai, querendo dar uma formação humana e cultural segundo suas possibilidades econômicas, mandou o filho, aos 13 anos, para Belém (Bahia), a fim de estudar no Seminário dos Padres Jesuítas, onde já se encontrava seu irmão José. Aos 21 anos, no dia 15 de abril de 1760, ingressou no noviciado do Convento de São Boaventura, na Vila de Macacu, no Rio de Janeiro. Em 11 de julho de 1762 Frei Antonio foi admitido à ordenação sacerdotal.



Crônicas Pitorescas

Nariz... ai meu nariz...

José Palmyro Masiero

– Vai sair? quis saber o coroa pai de uma gatinha de 20 anos.

– Vou... – Ouviu econômica resposta.

– Posso saber pra onde?

– Qualé, pai! Já sou dona do meu próprio nariz! – fechou a porta e ponto final no assunto.

Dá pra inferir que “dono do próprio nariz” é aquela pessoa responsável por si mesma, maior, vacinada, portadora de CPF, cartões de crédito, comprovante que votou e outros etecéteras e tais.

Repararam como ninguém diz ser dono da própria boca, dos próprios olhos, das próprias orelhas? Todos se arvoram em donos, mas só do nasal. E isso provoca conjecturas: somos integralmente donos dele? Através de uma vistoria simplista, a situação parece óbvia, pois, afinal, pra onde se vai, o cheira-cheira vai colado na cara. Mas identicamente e por extensão, temos que admitir que os invólucros dos outros sentidos – boca, orelhas, olhos – também vão grudados nas fuças! Dos cabelos já não se pode dizer o mesmo, pois para alguns eles são efêmeros. Eu que o diga... Como indagávamos, que razões impedem as pessoas gabarem-se de ser donas do restante e satisfazerem-se somente como proprietárias do nariz?

Convenhamos que ninguém, ao dormir, retira e coloca as orelhas numa gaveta, para descansar com silêncio absoluto; nem sai de casa sem a boca, o que seria bom evitar dizer abobrinhas pelai; e creio que, em nenhuma hipótese, jamais alguém pretendeu guardar os olhos num estojo, para deixar de ver algo. Quando muito, retira as lentes. Logicamente, o mesmo acontece com o nariz... Sentiram como é rasteira e barata a afirmativa de que somos donos só do nariz, quando, em verdade, o somos do resto também?

Aí é que pega! Batemos o pé para ser donos do nariz: muito bem, que sejamos. Lançamos a dúvida por trás, se realmente somos senhores dele. Vejamos a situação

pelo inverso, ou seja, ser ele o nosso amo. Estão rindo, hem? Pois me parece uma propositura certíssima. Por acaso já estiveram em algum banheiro público? O gás liberado pela Chernobyl é pinto ante o que preenche o ambiente. E daí? Decidimos sobre que aroma mandaremos entrar pelos buraquinhos do naso ou ele traz pra dentro o que suga no local? Sem qualquer colher de cheiro amenizador, aspira o que está ali, quer queiramos ou não. Num agrupamento, algum enrustido com a barriga a perigo deixa um pum no silêncio. Conscientemente nem calculamos o que está ocorrendo nos subterrâneos do disfarce, mas ele, o nariz, vai captar as ondas fedoríferas soltas. Quede nosso domínio e desejo exigentes de sentir somente perfumes agradáveis? Por esse ângulo, somos dele. Pobre ou rico. Classe média inexistente pra pesquisa, pois, após o cruzado que levou no queixo, ainda não voltou a si para se posicionar.

Se o nariz é afilado ou achatado, arrebicado ou adunco, todos se ufanam em ser seus possuidores. Como tudo na vida, o radicalismo pode, às vezes, provocar situações incômodas.

D. Antônia, às três horas da manhã, chama o Praxedes às falas:

– Onde esteve até essas horas da madrugada, seu sem-vergonha?

– Não interessa! Sou dono do meu nariz!

Pela bofetada que levou, ficou sendo proprietário de uma enorme massa disforme, inchada, com dois buracos minando sangue. No que dá. Se não apelasse para a posse do nasal, poderia ter quebrado o galho, falando em dor de ouvido, de dentes, nos olhos e, como consequência, estivesse num pronto-socorro em busca de remédio; até chuva pneu furado, qualquer coisa, enfim, talvez colasse. Bastou arvorar-se em dono do nariz que, ca-tapimba, dançou.

Pós tese tão clarividente, podemos concluir que ele não nos pertence, pois se mete a cheirar o que evolva pelo ar, cheiroso ou fedoroso. Eis a razão de muita gente meter o nariz onde não é chamado.

Caveréu

Edival da Silva Castro

Caveréu era um cão de porte médio, virilata, de cores corintianas: alvinegro.

Pertencia aos Masiero, quando moravam na Av. Gen. Gomes Carneiro, na casa de nº 1.

Era carinhoso, obediente e amigo das crianças. Onde estivessemos, ele estava por perto, ora latindo pra uma, ora esfregando-se em outra.

Quando saíamos para determinado lugar e não queríamos que ele nos acompanhasse, qualquer um de nós, com o dedo em riste, gritava:

- Rórti-fórti-mor.

Ele colocava o rabo entre as pernas, e, se estivesse no meio do caminho, voltava, sentava-se defronte à casa de seus donos, ficava de orelhas em pé, ganindo sentido.

Caveréu era tão doce com as crianças que suas travessuras, às vezes, atrapalhavam. Se estivessemos jogando “bêti”, ele corria desesperado atrás da bolinha. Se estivessemos jogando futebol, ele ficava no meio do campo, agitado, latindo e querendo disputar o lance. Quando íamos nadar no “rio de ácido”, lá estava ele, sempre buscando o pedaço de pau que alguém atirava n’água.

Caveréu pressentiu a própria morte. Pouco antes dela acontecer, sua alegria entristeceu. Quando conversávamos com ele, passando-lhe as mãos pelo lombo, num gesto de carinho, seus olhos cinza, já envelhecidos, brilhavam e lacrimejavam.

Certo dia, não viu o alvor de uma linda primavera despontar. Sua morte enlutou a avenida.

Naquela manhã, ninguém foi à escola. As crianças, solidárias, reuniram-se para o sepultamento. O lugar escolhido foi a várzea direita do rio de ácido, onde ele costumava estar entre nós.

Depois de coberto com a terra preta e úmida do local, alguém disse:

- Rórti-fórti-mor. Pois é, Caveréu, agora você não obedece mais.

A emoção choramingou em cada olhar.

“14-BIS” – 100 anos

“A insatisfação do gênio com os limites de seu tempo impulsiona o mundo e molda o amanhã”

Com o “14-BIS” Santos Dumont conseguiu realizar, em 23 de outubro de 1906, o primeiro “vôo mecânico” do mundo, devidamente homologado, alcançando a distância de 60m, em vôo nivelado a uma altura que variava entre 2m e 3m com duração de 7 segundos.



O 14-BIS pesava, com o aviador, 250Kg. As superfícies eram de seda japonesa, com armações de bambu e juntas de alumínio. O motor era de 50 cavalos-vapor (CV) e a hélice girava a 1500 rotações por minuto (rpm).



Plantio de árvores nativas pela Fundação Christiano Rosa. Fotos de novembro de 2005

A importância das matas ciliares

A importância da Mata Atlântica passou a ser amplamente reconhecida no final da década de 1980, quando foi declarada Patrimônio Nacional pela Constituição Federal de 1988. Sua importância extrapola as fronteiras do país, tendo sido declarada, também, Reserva de Biosfera, pela UNESCO.

Essa mata foi sendo destruída ao longo da história em decorrência dos diferentes ciclos econômicos e do processo de povoamento. O crescimento e desenvolvimento das cidades veio acompanhado pela degradação de seus diversos sistemas ambientais e pela crescente perda da qualidade de vida.

Melhorar a qualidade de vida, recuperando o meio ambiente degradado, mitigando e evitando impactos ambientais, além de conservar os sistemas naturais remanescentes, constituem metas dos governos estadual e federal.

A recuperação das matas ciliares, garantidas pela legislação federal, é uma das maiores chances de se formar corredores que garantam a sobrevivência da Mata Atlântica, principalmente onde já não há remanescentes. Investir nas matas ciliares é um ótimo começo, pois é uma área fácil de se identificar e, assim, mobilizar a população. Qualquer leigo consegue ver, passando por uma estrada ou até mesmo dentro das cidades, se existe ou não uma faixa de vegetação ao lado de rios e córregos. Não precisa saber o tamanho da propriedade ou se é uma terra pública ou privada: se tem rio, lago, represa, precisa ter mata ciliar. Todos podem ser fiscais, todos podem participar de campanhas de recuperação. Existem iniciativas nesse sentido. A Fundação Christiano Rosa vem desenvolvendo, com recursos do Fundo Estadual de Recursos Hídricos (FEHIDRO), o projeto “Revege-

tação de matas ciliares das microbacias hidrográficas dos ribeirões Benfica e Tabuleta – Piquete/SP”, tendo iniciado no mês de novembro a revegetação de uma área de um hectare com o plantio de mudas de trinta espécies de Mata Atlântica. Esse trabalho está muito aquém da necessidade de recuperação de matas ciliares de nosso município. A Mata Atlântica precisaria de mobilização popular e adesão dos poderes públicos ao planejamento e execução de políticas preservacionistas que visem à recuperação de nossas matas ciliares.

Iniciativa louvável é a das comunidades das vilas Célia e Araçá, que vêm se reunindo nos últimos meses a fim de reunir esforços para salvar o tão degradado Córrego do Araçá. Entre seus objetivos, visa ao plantio de espécies de mata atlântica em áreas próximas à sua nascente.

Memória de Cláudia

(26.06.1966 – 26.12.2005)

Cláudia Pereira dos Reis foi uma professora modelar.

Fazia da profissão do magistério uma obra missionária, sabendo ensinar e tirando do ensino a melhor seiva fertilizante. Identificando os mais fracos, fazia deles desafio a ser enfrentado com força e sabedoria. Trabalhando em diferentes áreas rurais e urbanas, enfrentando intempéries, acomodações difíceis, meios de transporte precários e mesmo longas caminhadas por extensas estradas poeirentas, sabia tirar sabor das dificuldades. Aprendeu a olhar para os lados e a reconhecer paisagens.

Seu prêmio ficava representado no aprendizado dos alunos. Sabia recuperá-los quando apresentavam problemas e deficiências. Encorajava-os e lhes fornecia maneiras de facilitação didática com métodos eficientes. Fazia todos os cursos propostos para melhorar a qualidade do trabalho, e buscava, com inteligência, adequá-los à realidade das salas-de-aula.

Com a saúde debilitada, ao transportar o limiar da escola, crescia em ação produtiva. Voltava esgotada, mas sabia-se recompensada, sem esmorecer. Nunca quis deixar de ser professora. Sonhou, sempre, um curso universitário. Conseguiu iniciá-lo, mas não



terminá-lo. Absorvia com facilidade as novas técnicas. Queria sempre aprender, dotada de argúcia e determinação. Sabia avaliar o processo educacional.

Impregnou colegas e alunos de seus atributos, os quais tornaram-se reconhecidos por sua dedicação. Além de professora, mas por isso mesmo, foi plenamente dedicada às ações culturais.

No meio em que viveu, rápida e naturalmente tornava-se liderança.

Recentemente envolveu-se nos projetos da Fundação Christiano Rosa, representando sempre o que os professores devem ser: atentos, cultivadores do conhecimento

e luminares para abrir caminhos.

Agente social nos bairros do Benfica e da Tabuleta, despertou entre os moradores o sentido e a significação da ação comunitária. Fez ver a importância da agregação dos valores culturais e ambientais. Ocupou, desde 2003, o cargo de secretária da Associação dos Moradores e Amigos do Bairro do Benfica, reeleita para a gestão 2005-2007. Estava liderando a coleta de assinaturas para organizar um grupo de escoteiros na comunidade Benfica-Tabuleta.

Reivindicava entre os moradores a solicitação para o atendimento às necessidades da infra-estrutura aos órgãos públicos, numa luta até pelas definições da designação dos bairros quanto ao caráter urbano e rural nas definições institucionais.

A contribuição de Cláudia Pereira dos Reis para a comunidade piquetense não deve ser esquecida. Simples e eficiente, consciente da importância histórica do bairro em que habitava, ela conquistou, cada dia, o estilo para ser lembrada – o de mestra exemplar, que colocava o coração nas ações e o fazia com a sabedoria, no sabor do saber e do ensinar. Professora Cláudia, uma lição de vida.

Dóli de Castro Ferreira

Notas da Cidade



Fotos arquivo Pro-Memória

✓ Aconteceu nos dias 16 e 17 de dezembro, em Santo Antônio de Pádua, no Rio de Janeiro, o 10º Encontro de Jongueiros. Na ocasião, além de diversas apresentações de grupos de jongo de várias cidades da região sudeste, aconteceu, por meio de representantes do Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (IPHAN), a comunicação oficial da declaração do Jongo do Sudeste como Patrimônio Cultural do Brasil.

Piquete esteve representado pelo grupo de jongo do município formado por cerca de 60 componentes e coordenado pelo professor Gilberto Augusto.

A declaração do jongo como Patrimônio Cultural afina com os objetivos da Fundação Christiano Rosa, que luta para preservar essa cultura, tradicional em nosso município, e que, por meio do trabalho do professor Gil, vem sendo amplamente divulgada, enaltecendo, por onde passa, o nome de Piquete.



✓ Aconteceu entre os dias 06 e 09 de janeiro, na Vila Barão, uma Festa de Reis. No dia 08, aconteceu a apresentação do grupo de jongo do professor Gil e, em seguida, apresentação de Toninho Pirai. No dia 09, além da reza do terço, houve visita de uma Folia de Reis aos presépios armados em casas da vizinhança e apresentação da Congada Moçambique de São Benedito, da vizinha cidade de Lorena.

A organização foi do popular “Zé das Moças”, que contou com a colaboração da comunidade do bairro, o que permitiu a distribuição de almoço e bolo no último dia da festa.



✓ Os trabalhos da mostra “Caminhos”, da artista plástica Anacyr Araújo, colaboradora da Fundação Christiano Rosa, estarão expostas até o dia 29 de janeiro no Forte de Copacabana, no Rio de Janeiro. O vernissage, no dia 12, contou com a presença de muitos convidados e foi prestigiado por diversos piquetenses.

Educação: é hora de traçar planos

Laura Cristina Chaves

O ano de 2006 inicia-se trazendo na bagagem alguns eventos importantes para os brasileiros. É ano de Copa do Mundo de futebol e todos estaremos ligados e torcendo pela nossa seleção. É ano de eleições. Estaremos envolvidos com propagandas, com promessas, com denúncias e com tudo de bom e de ruim que a política pode nos oferecer.

Mas a escola não pára. Em fevereiro, estudantes e professores retornam. O que podem esperar do novo ano?

Nada virá por acaso, o planejamento é fundamental. Para tanto, é necessário que todos – profissionais da educação, estudantes, pais e sociedade – tenham claro o papel da escola e se envolvam com a definição dos rumos da educação, lembrando que não se pode pensar em conduzir educação sem traçar claramente os planos e estratégias da escola, que é unidade primeira e absoluta da educação. O passado deve servir como referência. Por exemplo: Que ações serão tomadas para se melhorar a qualidade do ensino? Que estratégias serão adotadas para se recuperar os alunos que foram reprovados? Que medidas serão tomadas para maior valorização da educação?

Nesse sentido, é preciso que se definam as formas efetivas de participação de todos nas decisões que envolvem a educação, em especial no que diz respeito aos gastos e às prioridades a serem definidas. Sem envolvimento da sociedade, todo e qualquer plano já nasce fraco e com poucas chances de dar certo. Portanto, paralelo à nossa paixão pelo futebol e ao nosso desejo de nos tornarmos hexa-campeões do mundo, é preciso que nos envolvamos com a educação e com a qualidade do ensino. Enquanto no futebol estamos sempre entre os primeiros, na educação os resultados são outros. Que venha o hexa, mas que venha também o nosso compromisso social e ético com a educação. Cada um de nós é responsável pelos rumos da educação e da sociedade como um todo. Não assumir esse compromisso é como ser atacante e não fazer gol ou como ser goleiro e não defender. É ser como político que promete, mas não cumpre. E todos sabem: a torcida não perdoa e o eleitor também não; o adversário não recua e o próximo campeonato e próxima eleição têm data marcada.

“A arte saiu da caverna e caminha em direção ao divino. É o Deus que há em nós, a grande mola que propulsiona o homem para a frente e para cima.”

Olga Savary, poeta paraense